

A ESTRATÉGIA DISCURSIVA ORIGINAL DO CONECTOR "ALIÁS"

Maria Cristina Lobato de Castro
Universidade Federal do Pará

- **RESUMO:** *O propósito deste trabalho, baseado na Pragmática Integrada de Jean-Claude Anscombre e Oswald Ducrot, é analisar a orientação argumentativa dos enunciados, atentando especificamente ao funcionamento do conector "aliás". Esse propósito se justifica pela necessidade de instrumentalizar melhor os professores diante dos mecanismos discursivos responsáveis pela determinação do valor pragmático dos enunciados, para que o usuário da língua desenvolva suas capacidades de interação nas diversas situações de comunicação.*
- **PALAVRAS-CHAVE:** *Lingüística; Lingüística Textual; Lingüística Aplicada.*
- **RÉSUMÉ:** *Le but de ce travail, fondé sur la Pragmatique Intégrée de Jean-Claude Anscombre et Oswald Ducrot, est analyser l'orientation argumentative des énoncés dans lesquels apparaît le connecteur "aliás". Ce choix est justifié par le fait qu'il est nécessaire de mieux outiller les enseignants face aux mécanismes discursifs responsables de la détermination de la valeur pragmatique des énoncés, afin que les apprenants, usagers de la langue, développent leurs capacités d'interaction dans les différentes situations de communication.*
- **MOTS-CLÉS:** *Linguistique; Linguistique Textuelle; Linguistique Appliquée.*

A Lingüística contemporânea vem fornecendo rico material para o ensino de língua materna, o que revela uma tendência crescente e significativa de novas alternativas metodológicas calcadas na reflexão sobre o ensino-aprendizagem do Português.

No momento em que evoluem os estudos sobre a linguagem, buscam-se propostas metodológicas para a eficiência do ensino-aprendizagem. É nesse contexto que se iniciam as pesquisas sobre a orientação argumentativa dos enunciados.

A experiência diária revela-nos que estamos sempre utilizando a linguagem com fins argumentativos: quer seja o discurso político, quer seja o publicitário, o jornalístico, etc., todas essas formas mostram-nos que idéias estão sendo veiculadas, pontos de vista debatidos, concepções atacadas ou defendidas. Percebe-se, também, que, entre os diversos discursos, alguns são mais eficientes, mais convincentes que outros. As propriedades argumentativas de nossos enunciados não são induzidas pela situação de comunicação, mas, sobretudo, pelas propriedades lingüísticas ou semânticas.

Para alicerçar a abordagem argumentativa da língua materna buscaram-se na Pragmática Lingüística¹ alicerces para um ensino-aprendizagem mais coerente e eficaz do discurso, bem como os procedimentos que favorecem a capacidade comunicativa em sua plenitude e as respostas mais urgentes para a prática do ensino de línguas. Para isso, buscou-se uma fundamentação teórica baseada na Teoria Maximalista da Argumentação na Língua, de Jean-Claude Anscombe e Oswald Ducrot².

Um dos fundamentos da teoria de Anscombe e Ducrot é o que insere a argumentação na estrutura interna da língua. Essa teoria, inscrita na pragmática integrada, é uma teoria "ascrivista" e não logicista, da linguagem: a linguagem não tem, fundamentalmente, a função de representação e descrição, que lhe foi atribuída durante muito tempo; a linguagem tem antes por função a constituição dos sentidos, sendo capaz não apenas de representar, mas também de criar realidades, exercendo um forte papel (re)direcionador das relações sociais.

¹ Segundo Ducrot, a Pragmática da Linguagem ou Pragmática Lingüística tem por objeto a linguagem como ação e não somente a dimensão semântica da linguagem, isto é, a Pragmática estuda o dizer e não somente o dito.

² Para Anscombe e Ducrot, certos enunciados não podem ser descritos, semanticamente, sem a indicação de seu emprego argumentativo ou sem a intervenção de alguns elementos de sua enunciação. Logo, as relações pragmáticas devem ser explicadas por uma teoria semântica.

O valor referencial dos enunciados não é, do ponto de vista semântico, o único ou principal valor de verdade dos enunciados. Segundo Anscombe e Ducrot, é possível descrever os valores de verdade dos enunciados como derivados, pragmaticamente, dos valores argumentativos:

"A significação de certas frases contém instruções que determinam a intenção argumentativa a ser atribuída a seus enunciados: a frase indica como se pode, e como não se pode argumentar a partir de seus enunciados" (Ducrot, apud Guimarães, 1987).

Essas instruções, marcas lingüísticas importantes da enunciação por determinarem o valor argumentativo dos enunciados, são representadas por certos morfemas que estabelecem uma relação de tipo bem preciso entre enunciados, chamados conectores e/ou operadores argumentativos.

Anscombe e Ducrot estabelecem, então, a diferença entre valor informativo e valor argumentativo: os encadeamentos no discurso não são feitos a partir dos valores informativos dos enunciados, mas sim dos valores argumentativos:

"Os valores informativos (sentido) de superfície são uma ilusão e não devem aparecer no nível profundo (significação). Neste nível aparecerão apenas os valores e os operadores que chamamos de argumentativos. As eventuais indicações informativas (de superfície) serão necessariamente deles derivadas" (Anscombe, 1989, p.14).

A análise desse aspecto do funcionamento da língua é a base da teoria de Anscombe e Ducrot desenvolvida, portanto, não sobre o valor informativo dos enunciados, mas principalmente, a partir do conceito de "possibilidades argumentativas" (ou força argumentativa) de um enunciado.

As noções introduzidas pela Teoria da Argumentação de Anscombe e Ducrot permitem compreender uma série de

mecanismos responsáveis pelo valor pragmático dos enunciados. Portanto, a descrição e a explicação dos processos de interpretação dos enunciados não são fornecidas somente pelos dados lingüísticos: “Em todos os casos, o intérprete apela aos dados extralingüísticos sob forma de informações contextuais, ora perceptíveis, ora memoriais” (Luscher, 1994, p. 175).

Não se trata de negligenciar o lingüístico em detrimento do pragmático: ambos são importantes para a descrição e a explicação do processo de interpretação de enunciados. O estudo da argumentação inclui o componente pragmático na análise do discurso, considerando um conjunto de instruções ou marcas pragmáticas que determinam o valor argumentativo de um enunciado. Essa orientação é feita, frequentemente, por uma série de morfemas responsáveis por esse tipo de relação — os conectores e operadores argumentativos —, que se caracterizam por uma ausência de significação lexical própria, ou por uma ausência de autonomia referencial.

A distinção³ entre conectores e operadores argumentativos feita por Anscombe e Ducrot é baseada na distinção estabelecida por Charles Bally entre “coordenação semântica” e “frases ligadas”: na coordenação semântica a dependência semântica pode realizar-se sem nenhuma marca gramatical explícita, ou com conjunções de subordinação, como “pois”, “porque”, “de sorte que”, “se”; já nas frases ligadas, a dependência semântica estabelece-se por meio de uma relação de enunciados que permite uma transformação interrogativa ou negativa operada sobre o texto e não sobre, somente, um dos constituintes do enunciado.

Pela própria natureza deste trabalho, delimitamos o nosso estudo na análise apenas dos conectores argumentativos, em especial do conector argumentativo “aliás”.

³ O operador argumentativo difere do conector pelo fato de colocar em relação elementos no interior do enunciado, dando-lhe instruções quanto à orientação argumentativa e limitando suas possibilidades argumentativas.

Os conectores argumentativos

Os conectores argumentativos são morfemas, proposições (ou outro tipo de marcador semântico) que coordenam duas proposições marcando a orientação argumentativa dessas proposições. São os advérbios (assim, certamente, igualmente, primeiramente,...), as conjunções coordenativas (e, mas, pois, portanto,...), as conjunções subordinativas (porque, embora, se,...), as locuções adverbiais (com efeito, entre outros, por conseguinte,...) e outras locuções (isto é, ou seja,...). Juntam-se a essa lista proposições do tipo “como foi dito”, “em todo caso”, etc. Os conectores argumentativos são, portanto, unidades que articulam partes do discurso (sintagmas, frases ou seqüência de frases).

Segundo Ducrot (1983, p. 9), os conectores articulam “dois ou vários enunciados, atribuindo a cada um um papel particular em uma estratégia comunicativa única”.

Eles não podem ser estudados isoladamente, mas sempre sob a forma de uma estrutura semântica: “P conector Q”⁴. É indiscutível, portanto, a coordenação semântica projetada pelos conectores no quadro textual. Eles fornecem instruções que orientam argumentativamente o discurso na direção de uma certa conclusão.

Roulet descreve assim o funcionamento do conector argumentativo:

“Um conector pode articular atos ou intervenções explícitas, mas também elementos implícitos. Do ponto de vista da gramática, as diversas categorias sintáticas que funcionam como conectores pragmáticos coordenam, subordinam ou modificam necessariamente unidades lingüísticas explícitas, geralmente proposições que não coincidem, aliás,

⁴ As letras (P), (Q) e (r) na descrição de Ducrot, simbolizam os elementos semânticos articulados pelos conectores: (P) e (Q) funcionam como argumentos e (r) como conclusão. Eles podem ser de natureza diversa: proposições, atos ilocutórios ou atos de enunciação.

necessariamente, com unidades pragmaticamente pertinentes tais como os atos de linguagem.” (1985, p. 113-4)

Essa característica própria dos conectores argumentativos de articular elementos explícitos, mas também implícitos, é que os difere dos conectivos lógicos. Os conectores argumentativos podem encadear não apenas proposições, mas também enunciações a proposições e podem desempenhar papéis distintos, conforme os diferentes enunciados onde estão empregados, pois ativam não um enunciado preciso, mas todo um movimento discursivo.

O conector argumentativo “aliás”

Cada língua apresenta a particularidade de colocar em correspondência um morfema⁵ e uma combinação de instruções organizadas que determinam os procedimentos para a interpretação dos enunciados.

Ao fazer o estudo do conector “aliás” (“d’ailleurs”), Ducrot constata que esta palavra estabelece uma ligação entre duas entidades semânticas que não podem ser descritas isoladamente, que devem sempre ser analisadas sob a estrutura “P aliás Q”. O problema é determinar esse P e esse Q, sobre os quais se encontram estes morfemas; quais os segmentos ligados pelo conector; e que regras explícitas permitem determinar esses segmentos.

O conector “aliás”, como todo conector, fornece um conjunto de procedimentos, de instruções, para a interpretação dos enunciados:

⁵ Considerem-se aqui morfemas, as palavras para as quais não é possível determinar um valor semântico próprio a não ser dentro do discurso, quando assumem uma função pragmática, dando instruções à interpretação dos enunciados.

“O valor semântico de uma frase argumentativa contém, entre outras coisas, um conjunto de instruções concernentes à estratégia a ser seguida para decodificar seus enunciados” (Ducrot, 1980, p. 15).

Segundo a descrição proposta por Ducrot, o “aliás” é um conector que pode introduzir um argumento decisivo, já que é o responsável pela “tacada final”, resumindo ou enaltecendo todos os demais argumentos, apesar de ser apresentado como se fosse desnecessário, uma simples “lambuja” a um ou mais de um argumentos já enunciados.

Para a descrição do emprego do conector “aliás”, em enunciados da língua portuguesa, observe-se o seguinte exemplo: “... jamais te esquecerei, pois és tão linda e bela, aliás, és a mais linda de todas”. Nesse enunciado, o locutor, para atingir a conclusão pretendida (r) “jamais te esquecerei”, dá o argumento (P), “pois és tão linda e bela”, que a justifica. E, num segundo movimento discursivo, acrescenta o argumento (Q), “aliás, és a mais linda de todas”, com a mesma direção de (P). Como (P) por si só já conduz a(r), (Q) se apresenta como não necessário para a argumentação. O locutor pretende, então, utilizar (Q), apenas com o intuito de reforçar (P).

Segundo Ducrot (1980), todos os empregos de “aliás” apresentam o seguinte esquema semântico:

r: P aliás Q

Em sua análise, Ducrot considera que um esquema semântico subjacente nem sempre corresponde completamente à sucessão dos elementos enunciados na superfície. Por isso, não é necessário que “aliás” seja precedido de dois enunciados — a conclusão (r) e o primeiro argumento (P).

Por outro lado, os enunciados introduzidos por “aliás” podem fornecer outras indicações além daquelas que constituem os elementos (P), (Q) e — indicações suplementares que podem entrar em organizações semânticas diferentes:

“ ‘Aliás’ rege sempre um enunciado que chamamos Y, eventualmente reduzido a reticências, e ‘aliás Y’ é precedido de um enunciado que chamaremos X, em que Y pode estar encaixado” (Ducrot, 1980, p. 195-6).⁶

Ducrot nota que, nas organizações semânticas, o “aliás” necessita sempre de um discurso anterior, um “antes” discursivo, o que o distingue de alguns morfemas que, em alguns casos específicos, são utilizados como interjeições em resposta a uma situação. Pode-se dizer “está bem”, “com certeza”, etc., mas, jamais, “aliás”.

Uma outra característica singular do “aliás” na organização do enunciado é o fato de não se poder começar um discurso com ele. Não se admite, por exemplo, o título de uma manchete como “Aliás, Almir quer fundir Basa e Banpará”⁷. Isso, porém, não quer dizer ser impossível que “aliás” ocupe posições diferentes no enunciado Y do qual faz parte.

Por exemplo: Bati com tanta força e ninguém acordou, (aliás quem acordou foi o outro vizinho / quem acordou, aliás, foi o outro vizinho).⁸

É importante observar que a alteração da posição do “aliás” no interior de Y não modifica o sentido geral do discurso.

Para Ducrot, portanto, salvo alguma indicação contrária explícita, o elemento semântico (P) é dado pelo “antes” discursivo (X), e (Q) é dado por (Y).

⁶ No original: “... d’ailleurs régit toujours un énoncé, que nous appellerons Y, éventuellement réduit à des points de suspension, et que d’ailleurs Y est précédé d’un énoncé que nous appellerons X, ou bien Y est enchâssé”.

⁷ Exemplo baseado na manchete “Almir quer fundir Basa e Banpará”, Jornal “O Liberal” de 10 de dezembro de 1995.

⁸ Em francês são possíveis três construções com “aliás”. Ducrot (1980, p. 196) demonstra isso com os exemplos: “La salle est trop chère, (d’ailleurs, elle ne me plaît pas / elle ne me plaît, d’ailleurs, pas / elle ne me plaît pas, d’ailleurs)”.

O valor argumentativo de “aliás”

Segundo Ducrot, o elemento (Q) tem sempre um valor argumentativo. Assim sendo, “aliás” é impossível ser usado num contexto não-argumentativo. Para comprovar melhor sua afirmação, Ducrot lança mão do exemplo de uma receita de cozinha, em que se pode introduzir um componente da receita por meio de “além disso”, mas é impossível fazê-lo por meio de “aliás”:

“Bata os ingredientes até a massa ficar fina e uniforme. Coloque numa assadeira untada e polvilhada de trigo e arrume por cima fatias de maçã até cobrir toda a massa. (Além disso)⁹, polvilhe canela em pó e açúcar e leve ao forno” (Coelho, 1978, p.21).

Um outro fato que confirma o caráter argumentativo do “aliás” é a impossibilidade de ser substituído por “entre parênteses” ou “diga-se de passagem”. Assim, numa situação em que uma pessoa (A) encontre um amigo (B), que não era visto há muito tempo, enuncie:

“Diga-se de passagem, você envelheceu muito”.

Para que “aliás” seja possível nesta situação será necessário que (A) não tenha cumprimentado o amigo, alegando não o ter reconhecido de imediato:

“Não o cumprimentei, porque não o reconheci, aliás você envelheceu muito”.

⁹ Comprove-se a aceitabilidade de “além disso”, neste contexto, e a impossibilidade da introdução de “aliás”.

O conector “aliás” e argumentos anteriores

“O enunciado Y regido por ‘aliás’ apresenta sempre um argumento Q que se junta a um argumento ou a um conjunto de argumentos anteriores, P” (Ducrot, 1980, p.197).¹⁰

Com este esquema, Ducrot diz que o “aliás” não introduz um argumento suplementar (Q), mas permite apresentá-lo como se fosse suplementar de (P). Não é necessário, portanto, que (P) e (Q) sejam expressos por duas proposições gramaticais distintas. É por isso que “aliás” não poderia reger uma relativa restritiva que fizesse o papel de (Y), mas poderia reger uma relativa explicativa. Exemplificando:

a) “Aliás” em oração relativa restritiva: “Esses alunos que aliás vão representar o colégio estão na 5ª série”.

b) “Aliás” em oração relativa explicativa: “Esses alunos, que aliás estão na 5ª série, vão representar o colégio”.

A independência de (P) e (Q) deve ser acompanhada de uma independência lógica: “Não podemos inserir ‘aliás’ dentro de (Y) se (Y) exprime apenas uma pressuposição de (X)” (Ducrot, 1980, p. 198).¹¹

Numa estrutura como: “Augusto, que aliás é amigo, recebeu muitas homenagens”, “aliás” introduz uma relativa que apresenta uma característica de “Augusto”, diferentemente de uma relativa (Y) que exprime mais uma pressuposição de (X): “Augusto, que aliás é um grande amigo, recebeu muitas homenagens”.

Uma outra singularidade do emprego do “aliás” refere-se a sua posição “geográfica” no enunciado. Por exemplo:

- a) Eu vou me aborrecer (r), a conversa está desagradável (P), aliás eu não tenho muita paciência para tratar deste assunto (Q).
- b) Eu não vou me aborrecer (r) a conversa não está agradável (P), aliás eu tenho muita paciência para tratar deste assunto (Q).

Em alguns casos, como em (a), os argumentos (P) e (Q) funcionam em bloco para a conclusão (r), isto é, o fato de a conversa estar desagradável e não se ter muita paciência para tratar deste assunto são argumentos conjuntos para a conclusão “Eu vou me aborrecer”.

Mas nem sempre é isto que ocorre, muitas vezes os argumentos (P) e (Q) são independentes: “Não é a conjunção P+Q que é dada como um argumento, mas cada um dos termos isoladamente” (Ducrot, 1980, p. 198).¹²

Em (b) o argumento (Q) é suficiente para a conclusão(r); ele é independente de (P): “ter muita paciência para tratar deste assunto” é argumento suficiente para “não se aborrecer”. Portanto, em construções como esta, cada um dos elementos (P) e (Q) são argumentos para (r). Isto prova que o enunciado que precede “aliás” não exprime, sempre, um argumento (P) adicional a (Q).

Além disso, Ducrot admite em sua tese a possibilidade de ocorrência de um enunciado argumentativo introduzido por “aliás” (Q) imediatamente posterior ao enunciado da conclusão(r). Neste caso, a argumentação (P) está, no domínio do implícito, como em: “Eu não te levarei comigo(r). Aliás, para onde vou não te interessa (Q)”.

“Geograficamente”, o que antecede ao enunciado (Q) é a conclusão(r), o que não impede a existência de um argumento (P) implícito, que poderia ser “Não gostei do que fizeste”.

¹⁰ No original: “L’énoncé Y régi par d’ailleurs présente toujours un argument Q qui s’ajoute à un argument ou à un ensemble d’arguments antérieurs, P”.

¹¹ No original: “On ne peut pas insérer d’ailleurs dans Y si Y ne fait qu’exprimer un préssupposé de X”.

¹² No original: “Ce n’est pas la conjonction P+Q qui est donnée comme un argument, mais chacun des deux termes isolément”.

O conector argumentativo “aliás” e a lógica do camelô¹³

Para Ducrot, o argumento (Q) introduzido por “aliás” é apresentado como não-necessário para a informação. É como se o locutor se contentasse em apresentar (P) como argumento para a conclusão pretendida (r). A introdução de (Q) é apenas um “brinde”, que acrescenta algo que é dispensável para a conclusão (r), mas pode ter uma importância decisiva para a organização do discurso, portanto não pode ser considerado inútil, pelo contrário, pode desempenhar um papel insubstituível:

“Não queira saber para onde vamos. Não filosofe demais. Aliás, falar muito atrapalha”.

Não se trata aqui de considerar “Aliás, falar muito atrapalha” como inútil. “Não filosofe demais” seria suficiente para a conclusão “Não queira saber para onde vamos”, mas o locutor, por meio de (Q), dá outro motivo mais direto para a conclusão (r).

A utilização do conector “aliás”, por outro lado, é semelhante à tática utilizada pelo camelô que, para vender uma mercadoria, primeiro faz um elogio: “Um brinquedo importado como este pelo preço de R\$ 10,00” e, num segundo movimento discursivo, diz: “Aliás, leve também este radinho importado!”.

Em (P) aliás (Q), a técnica é a mesma – (Q) é dado como argumento a (r), mas é introduzido numa expressão que pode funcionar como não-necessária para atingir a conclusão (r).

As teorias de Anscombe e Ducrot, em especial a Teoria da Argumentação, cujos pressupostos teóricos serviram

¹³ A expressão “lógica do camelô” foi usada por Ducrot numa comparação à técnica de venda dos camelôs que, geralmente, para venderem seu produto fazem, inicialmente, um elogio a uma determinada mercadoria e, logo em seguida, aproveitando o interesse do possível comprador, oferecem outros itens para a venda.

de base para este trabalho, possibilitaram vislumbrar novos horizontes na concepção do conhecimento da língua, especialmente no que se refere à dimensão argumentativa da linguagem.

Ao produzir textos, é necessário que o falante tenha consciência desse poder argumentativo da linguagem para poder atingir determinados fins interlocutivos como orientar, influenciar, persuadir, prometer, ordenar, enfim, utilizar a linguagem não apenas como instrumento de dizer o mundo, mas como forma de nele agir.

As abordagens iniciais deste trabalho evidenciaram a necessidade de mais pesquisas nesta área que possam contribuir para orientar o ensino-aprendizagem da língua de forma a conduzir o produtor de texto a explorar certos recursos argumentativos de que a língua dispõe, preenchendo, desse modo, lacunas deixadas pela escola na formação do produtor e receptor de textos, numa perspectiva diferente da tradicional.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANSCOMBRE, Jean-Claude. *Théorie de L'Argumentation, Topoi et Structuration Discursive*. Revue Québécoise de Linguistique. Paris, 1989.
- COELHO, Alzira. Receita de torta de maçã. In: _____. *Delícias de receitas: salgados e doces*. Belém: Grafisa, 1978.
- DUCROT, Oswald. *O dizer e o Dito*. Trad. Eduardo Guimarães. São Paulo: Pontes, 1987.
- _____. *Opérateurs Argumentatifs et Visée Argumentative*. Cahiers de Linguistique Française. Genève, n.5, 1983.
- _____. *Les echeles argumentatives*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1980.
- GUIMARÃES, Eduardo. *Texto e Argumentação: um estudo de conjunções do português*. Campinas: Pontes, 1987.

LUSCHER, Jean-Marc. Les Marques de Connexion: des guides pour l'interprétation. In: _____. *Langage et Pertinence: référence temporelle, anaphore, connecteurs et métaphore*. Nancy: Presses Universitaires de Nancy, 1994

ROULET, E., AUCHLIN, M. *L'Articulation du Discours en Français Contemporain*. New York, Berne: Francfort-s Main, 1985.